

ENTREVISTA COM ALEXANDRE RAMPAZO

UM DIÁLOGO QUE FAZ TODA DIFERENÇA

Diana Navas  0000-0002-4516-5832

Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP.

Grupo de Pesquisa: Crítica literária: tendências e perspectivas PUC-SP


dnavas@pucsp.br

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira  0000-0002-2564-4270

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP - Assis

Grupo de Pesquisa: Leitura e Literatura na Escola - UNESP - Assis

eliane@assis.unesp.br

 <http://dx.doi.org/10.35572/10.35572/rle.v2i1.2074>

Recebido em 24 de fevereiro de 2021

Aceito em 20 de maio de 2021

Nascido em abril de 1971, em São Paulo capital, onde reside ainda hoje, Alexandre Rampazo é ilustrador e autor de livros endereçados preferencialmente ao público infantil. Formado em Design pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, em 2001, atuou alguns anos como diretor de arte e designer, desenvolvendo, projetos gráficos e editoriais. A partir de 2008, passou a se dedicar integralmente à literatura infantil, área essa em que já conta com quinze livros escritos e ilustrados, além de mais de cinquenta trabalhos como ilustrador em obras de outros reconhecidos escritores.

Sua obra, pelo jogo de cores, formatos surpreendentes, linguagens dinâmicas, principalmente pela junção entre texto verbal e imagético, entre outros recursos, apresenta significativa qualidade estética. Justamente por isto, obteve reconhecimento no campo literário, configurado em premiações diversas¹, tais como o Selo Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio, pela autoria e ilustração de *A cor de Coraline* (Rocco, 2017), *Aqui bem perto* (Moderna, 2018) e *Se eu abrir esta porta agora...* (SESI-SP, 2018), e pela ilustração de livros como *Coração de inverno, coração de verão* (Zit, 2018) e *O Passeio* (Gato Leitor, 2017). Mais recentemente, a produção de Alexandre Rampazo conquistou

também premiações concedidas pela FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, uma das mais importantes instituições de validação da qualidade estética de obras destinadas ao público infantil e juvenil. Seus livros *Se eu abrir esta porta agora...* (SESI-SP, 2018) e *Pinóquio, o livro das pequenas verdades* (Boitatá, 2019) foram premiados em 2019 e 2020, respectivamente, nas categorias Criança e Projeto Editorial, evidenciando-se como uma das mais proeminentes vozes da literatura infantil brasileira contemporânea. A obra *Se eu abrir esta porta agora...* classificou-se também em terceiro lugar no Prêmio Biblioteca Nacional em 2019, e *Pinóquio*, em segundo, neste mesmo prêmio em 2020. Neste mesmo ano, *O Passeio* foi um dos vencedores do *Premio Fundación Cuatrogatos*. Rampazo, pelas suas obras, já obteve nove indicações para o Jabuti e, por três vezes, seus livros receberam este prêmio. Além das publicações mencionadas, pode-se destacar também, pelo valor estético: *A menina que procurava* (Larousse Júnior, 2008), *A princesa e o pescador de nuvens* (Panda Books, 2014), *A história do pássaro e o realejo* (Trioleca, 2019) e *Este é o lobo* (Pequena Zahar, 2020).

¹ Mais informações podem ser obtidas em: <<https://alerampazo.com.br/sobre/>>.

1. *Você se considera um leitor de livros ilustrados e/ou de livros de imagem? Há algum desses livros que permaneceu em sua memória afetiva?*

A leitura, as narrativas sempre tiveram um lugar especial na minha rotina e na minha formação. Entre as diversas maneiras de se contar uma história, o livro ilustrado, ou livro álbum, ocupa um lugar especial nessa minha rotina leitora e evidentemente no meu dia a dia como trabalho. Contudo, o nicho que esta linguagem narrativa ocupa na minha estante é relativamente recente. Talvez de uns dez anos, ou pouco mais. Me encanta a produção belíssima de livros ilustrados que temos no Brasil e no mundo. De como este tipo de linguagem dialoga tanto com uma criança quanto com um adulto em diferentes camadas. Como o lugar do livro ilustrado na minha biblioteca é relativamente novo, não tenho certeza se consigo dizer que um vínculo de memória afetiva se estabeleceu, ou ao menos, da forma que eu entendo de quando se estabelece raízes mais profundas dentro dessa memória afetiva. O que consigo dizer é que minha conexão com o livro ilustrado, minha paixão por esta linguagem, sempre esteve comigo mesmo antes de eu entender por completo o que era exatamente um livro ilustrado. Consigo ainda me encantar quase que da mesma forma de quando vi pela primeira vez o livro *Zoom*, do Istivan Banyai, ou *Le petit chaperon rouge*, da Warja Lavater, *O pequeno azul e o pequeno amarelo*, do Leo Lionni, ou qualquer coisa imaginada por Bruno Munari. É uma tarefa muito ingrata tentar classificar essas preferências ou entender como elas impactaram mais ou menos meu gosto pelo livro ilustrado.

2. *Sua estreia em uma publicação começou pela ilustração de livros de outros autores? De quais se recorda com prazer? Por quê?*

É um percurso muito comum para quem ilustra criar narrativas visuais inicialmente para textos de outros autores. E comigo não foi diferente. Hoje, início de 2021, entre os livros (digamos) 100% autorais e as obras feitas a quatro mãos, eu tenho por volta de setenta títulos publicados. Quero dizer com isso que a diversidade de encontros, quando observo esta produção feita a quatro mãos, foi enorme, com vozes e modos de operar muitas vezes diferentes, umas mais interessantes do que outras, mas todas muito enriquecedoras. Mesmo eu já tendo produzido anteriormente pequenas coisas muito pontuais para literatura infantil, particularmente considero 2008 meu ponto de partida, por ter sido um ano em que publiquei meu primeiro livro autoral. Em 2007, eu havia tomado a decisão em abandonar a “segurança” de ser empregado para dedicar todo meu tempo à literatura. Para quem começa um percurso como ilustrador, criar imagens para textos de Ruth Rocha, Ana Maria Machado ou Ignácio de Loyola Brandão, por exemplo, é um grande desejo. E eu, além de um número enorme de autores de texto incríveis com que já fiz parcerias, tive a sorte de poder fazer a dobradinha palavra/imagem com estes três nomes gigantes da nossa literatura. Porém, de tantos livros, *Os olhos cegos dos cavalos loucos*, escrito pelo Ignácio de Loyola Brandão, talvez, tenha um lugar especial nas minhas recordações, pois eu sempre tive um apreço pela escrita do Loyola e um livro dele chamado *Cadeiras proibidas* marcou minha adolescência. Ter este encontro com ele anos depois, que ainda rendeu um prêmio Jabuti pela obra (que é um relato de uma memória de infância do Loyola), por certo é uma combinação de boas recordações que esta parceria e este livro me trazem

3. Quando você se reconheceu como autor, tanto do texto verbal quanto do imagético?

Criar histórias sempre esteve comigo. Sempre fui um leitor assíduo e um apaixonado pelas narrativas independentemente do suporte: cinema, música, quadrinhos, fotografia... ou seja, sempre tive uma familiaridade, um encantamento por histórias, então, de uma forma ou de outra, chegaria o momento em que eu transbordaria as minhas próprias narrativas. Acho que eu só não sabia ao certo através de qual suporte isso aconteceria. Durante muito tempo pensei que faria quadrinhos, mas isso nunca se tornou algo concreto. Em meu primeiro livro em 2008, *A menina que procurava*, eu tinha um cuidado com a imagem, mas o texto que produzia tinha certo protagonismo, ele se evidenciava mais do que a imagem e isso se seguiu nos livros seguintes: *A menina e o vestido de sonhos* (2009); *Um universo numa caixa de fósforos* (2011) e *A princesa e o pescador de nuvens* (2014). Então, eu entrei numa crise. Eu estava muito descontente com a minha produção, com a minha forma de contar histórias e então houve um hiato. Resolvi parar tudo e me debruçar em estudos, em cursos livres, fui fazer roteiro de cinema, fui entender melhor a produção literária voltada para a infância... Enfim, contar isso tudo levaria páginas, mas vou tentar condensar: de repente me deparei com o livro ilustrado, o conceito do livro ilustrado, e me dei conta que, desde sempre, minha cabeça funcionava criativamente dentro desta forma de contar histórias, onde palavra e imagem fazem um jogo narrativo, se contradizem e se complementam. E dentro desse processo de reinvenção, *Este é o lobo* (2016) foi o ponto de partida, de certa maneira um divisor de águas na minha forma de construção de histórias.

4. Texto e ilustração, quem vem primeiro durante o processo de criação? Ou, quando você escreve o texto, já vislumbra a ilustração? Como se dá o seu processo criativo?

É curioso como os caminhos criativos se dão. Não é novo dizer que não há “receita de bolo” e como cada autor estabelece uma rotina, um *modus operandi*, que funciona muito particularmente para cada um. E descobrir isso é um processo, faz parte desse “encontrar-se” enquanto autor. Ao mesmo tempo, o autor não deve cair na armadilha e se tornar um refém de si mesmo por uma receita, um modo de fazer que lhe tenha caído bem em determinado momento e tentar repetir sua própria fórmula de sucesso. Vou dizer aqui o que já disse algumas outras vezes: não consigo estabelecer uma resposta concreta para isso. Sobre as hierarquias da criação de um livro ilustrado. A criação e a criatividade são campos de incertezas, de possibilidades que vêm e vão. Algo que era bom em um momento vai parecer ao autor irrelevante no momento seguinte. E o fascínio está justamente aí. Neste exercício de ir e vir, de experimentar, de encontrar caminhos para desenvolver uma história que provavelmente já foi contada, mas procurar fazer isso de uma forma



completamente inovadora. Talvez os meus trabalhos mais recentes tenham uma origem, um ponto de partida mais imagético. Mas há um momento em que a palavra se evidencia e essa ordem é subvertida, se torna tudo uma coisa só. De qualquer forma, independentemente dos caminhos do processo de criação, acho o mais importante é o autor conseguir chegar na história que ele gostaria de contar, e entender se tem uma boa história. Tenho esta preocupação em procurar contar uma história que tenha relevância. Que seja uma experiência nova para o leitor. Caso contrário não faz muito sentido para mim. Enfim, no fundo, eu ficaria contente se um dia fosse observado como um Yasujiro Ozu do livro ilustrado ou uma Meryl Streep da ilustração (risos).

5. Em *Se eu abrir esta porta agora*, assim como em outras obras, você explora as potencialidades do suporte livro, propondo inovações. Qual a importância da materialidade do livro em seu processo de criação?

Existem alguns pensamentos meus a respeito do assunto, que eu também já comentei algumas vezes e que irei dividir aqui novamente. Talvez, seja legal a gente ter em mente que o livro ilustrado não é só livro, o livro ilustrado é também uma experiência.

Eu sempre digo que o livro ilustrado é uma experiência literária expandida, com esta propriedade de livro híbrido que ele tem, desse protagonismo alternado entre palavra e imagem. Na verdade uma fusão da experiência textual, da experiência pictórica e expandindo esta experiência, ela é também experiência sensorial tátil, quando a gente pensa o próprio objeto livro e sua materialidade também como potência narrativa. A materialidade do livro no meu processo criativo passa principalmente por uma preocupação que tenho para que esta materialidade funcione a favor da narrativa.



Quero dizer, essa materialidade por si só, deve ser parte integrante da narrativa proposta, ela precisa ter relevância para funcionar. Para mim, este princípio tem que funcionar seja para uma arquitetura pensada de forma mais arrojada para este objeto livro, como no caso do *Se eu abrir esta porta agora* (2018), ou mesmo nos elementos de um livro mais convencional. No livro ilustrado, o passar das páginas quase sempre propõe uma passagem de tempo ou transposição de ambientes e procuro usar isso a meu favor. Uma página em branco, por exemplo, pode estar repleta de significados e camadas narrativas que podem contribuir e funcionar dentro do conceito proposto em uma história. Como exemplo, posso falar do meu livro *Eustáquio, o mágico magnífico* (2020) em que num determinado momento usei páginas em branco, porém essas páginas se tornaram cenário e até mesmo personagem da narrativa. Nessa história, um mágico

desaparece no meio de uma apresentação e a narrativa segue com as páginas em branco e mesmo assim, mesmo parecendo que as páginas nada têm a dizer, elas continuam contando a história que se desenvolve. Então neste momento, até a numeração das páginas se tornam parte da narrativa. E isso funciona como elemento que guia o leitor. Isso no sentido de que a percepção e o conceito narrativo sigam o que proponho, além da palavra e até da imagem, ou seja, que a própria materialidade do livro funcione como construtora da narrativa.



6. *Em Pinóquio – o livro das pequenas verdades*, você propõe a releitura de um clássico, assim como o faz em *Este é o lobo*. Como concebe este diálogo entre a tradição e as “inovações” possibilitadas pela tecnologia na arquitetura do livro?

A minha releitura de uma história clássica como *Pinóquio* está ligada às “inovações” de forma mais indireta do que diretamente. Penso que tem mais a ver com a forma que escolho para contar uma história. E isso vai ao encontro com o que eu disse anteriormente: o uso de recursos que amplifiquem a experiência narrativa. Para falar um pouco sobre *Pinóquio – o livro das pequenas verdades* (2019) e essa possibilidade de releitura, em que o livro como objeto entra como elemento estrutural da narrativa, preciso falar antes um pouco do processo embrionário deste livro. Existe uma porção de aspectos na criação de *Pinóquio*, mas vou me ater ao aspecto gráfico. Para mim, o folder que se desdobra no livro e cria a ilusão do nariz crescendo do personagem foi a ideia primeira do livro. Desenvolvi alguns assuntos, a partir dessa criação do folder, dentro do universo do *Pinóquio*, mas percebia que eu não tinha uma história boa para ser contada a partir somente daquele elemento. Este folder acabou sendo guardado para eu retomar a ideia dois ou três anos depois do momento inicial, e foi só quando finalmente percebi que eu tinha uma história interessante para contar. Então, o *Pinóquio* resume um pouco de tudo o que falei anteriormente sobre um elemento extraordinário à palavra ou à imagem dentro de um livro ilustrado não deva ter gratuidade, que deva ser necessário e relevante para história a ser contada. Porém sempre em função da narrativa, contribuindo e não usando essas “inovações” e possibilidades gráficas como acessórios.

7. *Como surgiu a parceria com Pablo Lugones em O passeio? O processo de criação a quatro mãos é mais complexo ou tem vantagens?*

A parceria com o Pablo aconteceu num momento em que meu trabalho estava mais maduro e o Pablo, como autor estreante, estava disposto a ouvir, a dividir a criação, e isso fez toda diferença. Muitas vezes existe uma resistência por parte do autor da narrativa verbal em entender que o ilustrador, como autor da narrativa visual, é cocriador da obra. Penso que essa resistência vem caindo e esse trabalho a quatro mãos vem tomando força e propiciando narrativas muito mais potentes, mas tenho que dizer que nem todo autor de narrativa verbal se sente à vontade em dividir este protagonismo com o ilustrador. Eu costumo ter sorte com relação a isso. Em *O passeio* (2017), aconteceu desta forma. Foi uma troca, uma construção muito rica entre mim e o Pablo. De como ele veio com uma ideia pré-definida para a narrativa e eu ter sugerido outro caminho, e ele ter entendido que era uma perspectiva interessante para contar essa história. Penso que isso, essa convergência de ideias para se contar a melhor história que poderíamos ter contado, se refletiu no livro por todos os prêmios que ele recebeu.

E fazendo uma analogia para esta feitura do ilustrador dentro da obra, é como pensar naquela casa dos sonhos que se imaginou ter. Pois bem, imaginando que você não seja um arquiteto ou engenheiro, muito provavelmente para construir esta casa do zero, você irá chamar um arquiteto para tirar a casa do campo das ideias. O arquiteto irá discutir com você, apontar o que é viável ou não e transformar aquela ideia original em projeto efetivo. Seguindo nesta lógica, num segundo momento, você irá chamar um engenheiro, que irá colocar a casa de pé. Irá tirar este projeto do campo imaginário e transpor para o concreto.

Agora, trazendo isso tudo para a criação de livros, o ilustrador é o arquiteto e engenheiro de um texto. Quando um texto chega ao ilustrador, existe um trabalho intelectual em curso, um desenvolvimento de conceitos narrativos imagéticos/pictóricos. Há um pensamento sobre o que o ilustrador tem a dizer em imagens a partir de uma arquitetura de ideias. Depois esse ilustrador é engenheiro, transformando todos seus esboços em pintura, em imagem final no papel. Então, existe essa cultura do ilustrador ser coadjuvante na obra. Às vezes, determinado ilustrador se sente confortável nessa posição, mas quando um ilustrador se posiciona, se coloca como coautor, tem que ser entendido como tal. Entender essa autoria do ilustrador, não é uma questão de vaidades, é reconhecimento. Hoje, é infinitamente mais fácil e até mesmo mais prazeroso quando construo eu mesmo as narrativas de palavra e imagem. Vem se tornando muito desafiador ilustrar outras obras e isso está sendo cada vez mais pontual, mas, de novo, quando posso fazer os trabalhos em parceria, procuro por boas escolhas, ou seja, por textos que me encantem.

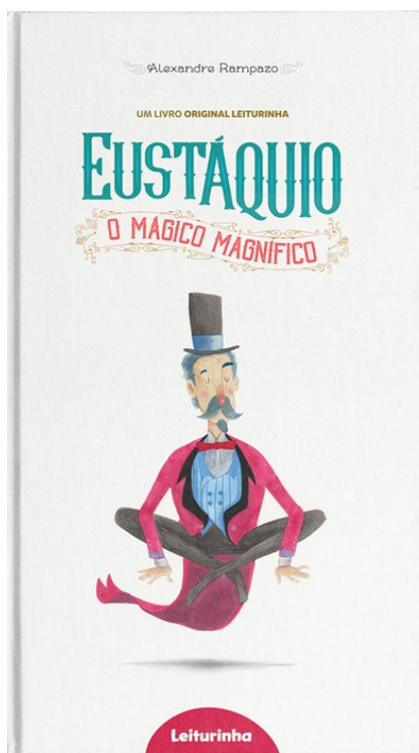


8. Qual foi o seu livro mais desafiador em termos de construção? Por quê?

Cada livro, cada desenvolvimento de ideia tem suas particularidades, êxitos e frustrações que são muito caso a caso. Normalmente, costumo respeitar o tempo do livro. Tem um livro que está há anos comigo, vai e volta para gaveta, porque percebo que tenho uma ideia, um conceito geral muito bom, mas a narrativa não se desenvolve, então, ele volta para gaveta até o momento em que me chama de volta. Outros livros surgem como uma tempestade de verão, rápida e fulminante. E a partir disso pode surgir algo poderoso, uma história quase pronta. Como eu disse antes *Pinóquio* navegou nessas idas e vindas criativas. Tenho um pouco de dificuldade em responder qual foi o mais desafiador justamente por respeitar o tempo do livro e não ficar debruçado, procurando soluções forçadas por conta de algo que eu queira colocar na narrativa por um capricho. Talvez, por isso, eu não trabalhe com encomendas. Algo ou algum tema que me seja pedido para desenvolver uma história e que eu não me sinta à vontade. Hoje, há alguns livros ainda inéditos que tenho com as editoras. Eles possuem um projeto gráfico desafiador, mas foram prazerosos de desenvolver. Talvez, o livro *Se eu abrir esta porta agora* tenha tido um certo grau de desafio porque eu queria que ele tivesse uma narrativa contínua, em “looping infinito”, mas que, ao mesmo tempo, fosse interessante ao leitor nas diversas camadas que a narrativa oferece, como por exemplo, a leitura se encerrar de um lado da do livro mesmo sem ela ter se encerrado, por assim dizer. Ou criar as correspondências de textos dos personagens dos dois lados da porta. Posso dizer que não foi um desafio com o peso que a palavra propõe. Foi um desafio, digamos, leve e motivador.

9. Há entre seus livros um especificamente que, no processo criativo, lhe trouxe mais satisfação? Por quê?

É extremamente difícil falar sobre este aspecto da feitura dos livros porque, em cada um, existe uma peculiaridade. Então, citar um parece que diminui a “satisfação” que os outros geraram. Mas, para responder à pergunta, eu vinha construindo livros que sempre gostei (e gosto) do resultado, porém durante um período, fiquei pensando que em muitos deles havia uma reflexão ou uma inflexão existencialista, e eu queria experimentar coisas novas. Eu estava com muita vontade de construir pontualmente algo mais leve, porém nada me encantava a ponto de se tornar uma história. Foi então que surgiu a ideia de *Eustáquio, o mágico magnífico* e houve uma reação que ele me causou de um riso incessante enquanto eu construía a história. E isso continuou cada vez que eu retomava, ilustrava e finalizava o livro. Ele sempre me causava essa leveza. Senti que eu tinha feito o livro que eu queria fazer. *Eustáquio* sempre me traz esse riso. Mas também tenho que dizer que em cada livro publicado, ocorreu um tipo de satisfação, uma alegria diferente.



10. *Para alguns estudiosos, como Jack Zipes², Rui de Oliveira³, entre outros, os livros ilustrados representam a área mais inovadora, experimental e emocionante da literatura infantil, capaz inclusive de alfabetizar o olhar. Contudo, eles também são de complexo entendimento. Em seu processo criativo, você considera a formação da criança como leitora?*

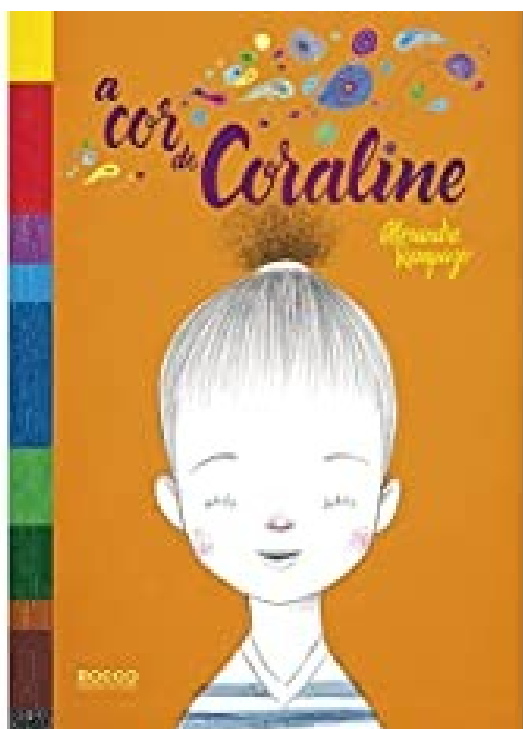
Concordo e é belo ler as afirmações tanto do Jack Zipes quanto do Rui de Oliveira. Vejo que literatura feita para infância, grosso modo, para muitos, parece pertencer a um lugar menor, como se escrever para crianças não tivesse algo de complexo. Evidente que há as mais variadas escritas, que podem ser categorizadas com de mais ou de menos qualidade, mas isso existe para toda expressão artística, no cinema, música ou

até mesmo em perfis dos mais variados tipos de profissionais. O livro ilustrado carrega uma propriedade peculiar ao capturar o leitor de qualquer idade, porém pede um leitor exigente, que perceba as nuances, as entrelinhas da palavra e da imagem.

Penso que, em geral, me voltando para realidade brasileira, um problema brutal (entre tantos outros) que temos é de não haver um cuidado, uma atenção para um ensino voltado para a imagem. Essa alfabetização imagética capenga nos transforma em adultos incapazes de lidar com o abstrato. E observe que vivemos num mundo completamente visual. A forma de se expressar nasce com a imagem, pelos registros feitos pelos homens que habitavam as cavernas. Ou seja, não foi a palavra e sim a imagem que fez o homem registrar de forma inaugural uma ideia. Portanto, a potência imaginativa que habita a primeira infância e que lida de forma ímpar com o abstrato por certo é um convite, uma porta de entrada para a minha produção. Torço para que perdure para a segunda infância, adolescência e idade adulta, essa possibilidade de enxergar a poesia do mundo que é tão particular nesta primeira infância. Acessar cada vez mais os livros ilustrados e as possibilidades de leituras que eles oferecem, pode ser um dos caminhos. Por fim, minha preocupação quando crio meus livros é de criar uma boa narrativa, uma história que seja relevante. Como autor, não consigo medir a quem essa história vai atingir, a qual leitor ela irá chegar, como ela vai impactar ao leitor A ou leitor B, só desejo que ela faça diferença a esse leitor. Isso me basta.

² ZIPES, Jack David. *The Norton Anthology of children's literature: The traditions in English*. W. W. Norton, 2005.

³ OLIVEIRA, Rui de. Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008, p. 13-47.



Produção

Livros como autor⁴

- *A cor de Coraline* (Rocco)
- *A princesa e o pescador de nuvens* (Panda Books)
- *Me encontre no sexto andar* (editora Hedra)
- *Um universo numa caixa de fósforos* (Panda Books)
- *A menina e o vestido de sonhos* (Editora Larousse)
- *A menina que procurava* (Editora Larousse)

Contos

- “O homem cheio de risada” (*Revista Crescer* – Editora Globo)

Roteiro

- “Convergência. Cheiros cinzas e encontros urbanos” (premiado na 15a. Mostra de Curtas)

Livros como ilustrador

- *Os olhos cegos dos cavalos loucos*, escrito por Ignácio de Loyola Brandão (Editora Moderna)
- *A pílula falante*, escrito por Monteiro Lobato (Editora Globo)
- *O pequeno Samurai*, escrito por André Kondo (Editora FTD)
- *Valentina cabeça na lua*, escrito por Adriana Falcão (Editora Salamandra)
- *A menina de nome enfeitado*, escrito por Miriam Leitão (Editora Rocco)
- *Contos de Perrault*, adaptados por Walcyr Carrasco (Editora Moderna)
- *Contos de Grimm*, adaptados por Walcyr Carrasco (Editora Moderna)
- *Como encontrar uma linda princesa*, escrito por Ricardo Viveiros (Editora Gaivota)
- *A Rainha de Neve*, adaptado por Walcyr Carrasco (Editora Moderna)
- *Contos de Andersen*, adaptado por Walcyr Carrasco (Editora Moderna)

⁴ Disponível em: <<http://alerampazo.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

- *A caixinha de guardar o tempo escrito*, por Alessandra Roscoeg (Editora Biruta)
- *Cadê o monstro?*, roteiro de Adriano Messias (Editora Mundo Mirim)
- *Era uma vez três velhinhas*, escrito por Anna Claudia (Editora Globo)
- *Loreta a borboleta xereta*, escrito por Carmen Lucia Campos (Editora Paulus)
- *Carta para os meus amores*, escrito por Iris Borges (Editora Elementar)
- *Meus olhos são seus olhos*, escrito por Flávia Savary (Editora Positivo)
- *Um bairro encantado*, escrito por Rosana Rios (Editora Scipione)
- *Que alegria!*, escrito por Celso Sisto (Editora Paulinas)
- *As mil e uma noites*, escrito por Ruth Rocha (Editora Salamandra)
- *O menino Pedro e seu boi voador*, escrito por Ana Maria Machado (Editora Ática)
- *Razões do Coração*, escrito por Maria da Glória Castro (Editora do Brasil)
- *De vários jeitos*, escrito por Flávia Reis (Editora Callis)
- *O menino que morava no livro*, escrito por Herinque Sitchin (Editora Panda Books)
- *Bacana, de novo*, escrito por Telma Guimarães (Editora Formato)
- *Meu avô espanhol*, escrito por João Carrascoza (Editora Panda Books)
- *A moda genética*, escrito por Ricardo Silvestrin (Editora Ática)
- *Coppélia*, escrito por Júlio Emílio Braz (Editora Salesiana)
- *Alice no País das Maravilhas*, adaptado por Telma Guimarães (Editora do Brasil)
- *Eu adoro, mas meus pais...*, escrito por Guilíia Azevedo (Editora Larousse)
- *O bonequinho de massa*, escrito por Mary Buarque (Editora do Brasil)
- *À procura do sol*, escrito por Lannoy Dorin (Editora do Brasil)
- *Corações de pedra*, escrito por Ganymedes José (Editora do Brasil)
- *Um dia, um ganso*, escrito por Cláudio Galperin (Editora BrinqueBook)

Contos ilustrados

- *A moça e o capa preta*, escrito por Angela Lago (Itaú Cultural)
- *O capitão sem fim*, escrito por Sérgio Caparelli (Editora Saraiva)